

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Fábrica das Artes

Black Box

Qui e Sex, 11h00

Sáb, 19h00

Dom, 16h00

M/12

70 min. + conversa com o público

11 a 14
abr 2024

Rosinda Costa/
MãoSimMão – AC
Mundo Oco

© Jade Mandillo

CCB

Mundo Oco

Criação, dramaturgia* e interpretação **Rosinda Costa**

Assistência de encenação **Eduardo Molina**

Apoio à investigação dramática **Ailton Krenak,**

Cebaldo de Léon-Inawinapi e Piatan Lube Moreira

Música e espaço sonoro **Tiago Cerqueira**

Cenografia e figurinos **Cuca**

Costureira **Paula Geleia**

Assistente de cenografia **Nelson Soares**

Desenho de luz e direção técnica **Margarida Moreira**

Produção executiva **Helena Maia**

Administração e produção **MãoSimMão Associação Cultural**

Coprodução **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes, Teatro-Cine**

Torres Vedras, Festival É-Aqui-In-Ócio Varazim Teatro

Residência artísticas **Polo Cultural Gaivotas | Boavista, Murta 11**

transdisciplinary art lab, O'culto da Ajuda, Centro Cultural de Belém

Apoio **República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes, Miso**

Music Portugal, Lugar de Fala, Kuboo Self-Storage

Agradecimentos **André Calado, Alma Celta, Ary Soares, Cebaldo Inawinapi, FX Road Lights, Júlia Costa, Manuel Costa, Margarida Soares, Rita Brás, Teresa Meira, Assunção Cerqueira, André Calado e FX Road Lights**

*A dramaturgia deste espetáculo foi elaborada a partir da sabedoria e cultura dos povos ameríndios, partindo das obras: *Um rio um pássaro, Ideias para adiar o fim do mundo, Futuro Ancestral, A vida não é útil*, de Ailton Krenak; *A Serpente cósmica, o ADN e a Origem do Saber* de Jeremy Narby; *A Queda do Céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert e das 7 Flechas do projeto *Selvagem ciclo de estudo sobre a vida*.



Sinopse

Mundo Oco é um espetáculo de teatro a solo que está alicerçado numa pesquisa de fundo sobre ecologia e esquecimento. Não se trata tão só de preocupação ambiental, mas de pós-ocupação ambiental, ou seja, o que está e que é depois do ecocídio.

Rosinda Costa conta a história da morte do rio Doce e realça o desastre ambiental em Mariana (em que o derramamento de resíduos tóxicos matou 600km de extensão do rio) como um ícone catastrófico da nossa era contemporânea, transformando-o num catalisador de reflexão sobre o futuro da relação (física e espiritual) homem-planeta.

© Jade Mandillo



Imaginar Outros Mundos

O ponto de partida deste espectáculo foi a partilha de um amigo, Piatan Lube Moreira, que me contou o que tinha acontecido em Mariana (Minas Gerais, Brasil): em Novembro de 2015 um rompimento na barragem do Fundão, da mineradora Samarco, controlada pelas multinacionais Vale e BHP Billiton, provocou a morte da maior parte do rio Doce. O Piatan descreveu-me a sua resposta criativa à catástrofe ambiental: uma intervenção em quatro comunidades ribeirinhas do rio (Regência, Colatina, Linhares e Baixo Guandu) chamada *Monumentos de amor ao Rio Doce*. Tratava-se de uma mandala desenhada no chão com frutas variadas e um cartaz onde se lia: «Trocamos cartas de amor ao Rio Doce por uma peça de fruta.» A partir dessa descrição desenvolvi três campos de orientação que estruturaram o *Mundo Oco*: (1) Construção de uma dramaturgia a partir de: *Um rio um pássaro, Ideias para adiar o fim do mundo, Futuro Ancestral e A vida não é útil*, de Ailton Krenak; *A Serpente cósmica, o ADN e a Origem do Saber* de Jeremy Narby; *A Queda do Céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert; *Krenak, vivos na Natureza morta*, a série documental do Canal Futura; e das *7 Flechas* do projecto *Selvagem ciclo de estudo sobre a vida*; (2) Desenvolvimento do pressuposto conceptual: considerando o desastre em Mariana como um ícone catastrófico da nossa era, este transforma-se num catalisador de reflexão sobre o futuro da relação física e espiritual, entre a humanidade e o planeta; (3) Consolidação de metodologias artísticas em continuidade com experiências anteriores, em que a desmultiplicação da actriz é a proposta teatral principal – a actriz desdobra-se em várias personagens e constrói uma narrativa que comunica a história que está a ser contada.

Mundo Oco é uma história que nos fala da morte do rio Doce e em como o povo originário Krenak vive esse acontecimento. Reflete sobre a nossa relação espiritual com a Natureza, contrariando a ideia moderna de olhar para aquilo que a Natureza tem para nos oferecer como recursos. Para os Krenak o rio não é apenas um recurso natural, o rio é seu avô, e até hoje continuam a habitar nas suas margens. Embora sem qualquer pretensão de explorar o movimento indígena,

a escolha desta história prende-se com a vontade de homenagear todas as comunidades que lutam com respeito e dignidade pela liberdade, pela igualdade, pela cultura e que, ainda assim e ainda nos dias de hoje, são vítimas da ambição e da ganância humanas. Alberto Acosta (político e economista equatoriano) diz-nos, no seu livro *O Bem Viver*, que «o medo aos imprevisíveis elementos da Natureza esteve presente desde os primórdios da vida dos seres humanos. Pouco a pouco, a ancestral e difícil luta por sobreviver foi-se transformando em um desesperado esforço por dominar a Natureza. E o ser humano, com suas formas de organização social antropocêntricas, posicionou-se figurativamente fora dela. Chegou-se a definir a Natureza sem considerar a Humanidade como sua parte integral. Foi uma espécie de nó górdio da vida que une todos os seres vivos em uma única Mãe Terra. Assim, abriu-se caminho para dominá-la e manipulá-la». No decorrer desta criação tive o prazer de conhecer o antropólogo e poeta do povo Kuna, Cebaldo de León-Inawinapi. Ele contou-me que ao cair da tarde, quando a noite se aproxima, em muitas aldeias dos Kuna, as avós e as mães e pais conversam com os seus *nudsugana* (totens que os Kuna esculpem em madeira e que actuam como guardiães): dão-lhes um banho de manjerição, dão-lhes sumo de cacau e conversam com eles. Pedem-lhes que cuidem da casa, dos que já passaram por eles, da aldeia e dos seus habitantes. Esses totens de madeira são seres mágicos, figuras antropomórficas que ganham vida com o alento das palavras e o cuidado dos humanos. Da mesma forma como os Kuna esculpem os *nudsugana* para cuidar aqueles que amam, esculpi o Mundo Oco para reflectir convosco sobre o planeta, na esperança de cuidar um pouco mais a Mãe Natureza.

Rosinda Costa

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Rosinda Costa

Lisboa, 1985. Mestre em Arte Multimédia (Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa). Licenciada em Teatro (Escola Superior de Teatro e Cinema). Curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais, em 2004, com classificação máxima (20 valores). Finalizou o curso Básico de Piano na Escola de Música Nossa Senhora do Cabo. O seu trabalho tem sido apresentado em França, Portugal, Brasil, Moçambique e México. Trabalhou com Angélica Liddell, Cristina Carvalhal, Joana Craveiro, João Brites, Miguel Seabra, Natália Luíza, Nuno P. Custódio, entre outros, em coproduções com a Arte em Rede, Centro Cultural de Belém, Centro Cultural Vila Flor, Citemor, Comédias do Minho, Teatro Nacional D. Maria II, São Luiz Teatro Municipal, Teatro Nacional São João, Teatro Viriato, Festival Escrita na Paisagem e Galeria Zé dos Bois.

Artista da 2.^a edição do 10x10 do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. Orientou, em 2012, uma oficina de criação no Teatro Cacilda Becker, Rio de Janeiro, e mais recentemente *workshops* na ACT – Escola de Atores e com o Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico.

Cocriou *O Devaneador* com Pedro Caeiro, apresentado no ciclo novos artistas no São Luiz Teatro Municipal; autora de *Donde Esta La Frontera*, vídeo-*performance*, no Laboratório Arte Alameda, Cidade do México,

com apoio da GDA e da Casa da América Latina, Arquivo Emocional (prestes a cair no esquecimento), com bolsa de criação da Terpsicore, e foi responsável pela direção artística de *Lan em Fuga*, projeto financiado pela DGArtes, uma coprodução MãoSimMão/Voarte.

MãoSimMão

A MãoSimMão é uma associação cultural que, desde 2010, desenvolve atividades de caráter profissional, dedicada à criação artística contemporânea de espectro transdisciplinar. Está comprometida com o carácter inovador e de pesquisa dos projetos que desenvolve, privilegiando a ousadia, o risco e a experimentação como métodos para um enriquecimento coletivo, perspetivando a diversidade e a florescência da ação humana sem perder de vista a compatibilidade desta com a envolvente ambiental e cultural. Está centrada no apoio à criação artística, produção e circulação das obras através do estabelecimento de uma rede de afetos, relações com artistas e estruturas congêneres ao nível nacional e internacional.

Com a direção do pianista Simão Costa, aliada a uma estrutura rizomática de codireção com linhas e organização fixadas por núcleos que definem territórios independentes, dá apoio à criação, produção e difusão de YPSC_transduction, ISAsoundbox, Dança de Materiais Inertes e Beat Glitch em cumplicidade dos artistas

Yola Pinto, João Calixto, Marta Cerqueira e Marco Santos. Apoia também de forma mais pontual a fase de criação de outros projetos e artistas associados, partilhando recursos, procurando funcionar como cais, privilegiando como foco a valorização dos artistas e seus delírios criativos. Assumindo uma abordagem

tendencialmente transdisciplinar, tendo por base a formação clássica dos artistas nas áreas da música, dança e artes visuais, todas as áreas de ação da MãoSimMão têm uma relação especial com o som, nomeadamente na sua exploração alargada e multidimensional.

JÁ A SEGUIR
18 A 21 ABRIL

Batalha

Texto Sandro William Junqueira

Encenação João de Brito / LAMA Teatro

Um sorteio dita que a vida do 11.ºF não voltará a ser a mesma. Esta turma, de uma escola invisível no ranking das vaidades, terá a responsabilidade de transmitir ao mundo, via *streaming*, alguns dos episódios mais marcantes da História de Portugal. Postos perante o destino, professora e alunos acertam contas com o eterno retorno ao lugar do erro, com as manias ocidentais da superioridade, com os vencedores que se acham melhores que os vencidos, com a norma que olha de lado para a diferença.

Como é que alunos do século XXI, conduzidos por uma professora do século XX, servida por métodos de ensino do século XIX, se podem preparar para este confronto com o discurso histórico dominante e consigo próprios? A imaginação é uma arma poderosa. É através dela que a nossa espécie sobrevive no mundo. É a voz dos esquecidos sobe muito alto enquanto fura o caminho para se fazer ouvir. A batalha aproxima-se.

Batalha integra o Ciclo *Abril Abriu*,
uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II.

Black Box

M/12

Quinta e Sexta, 11h00

Sábado, 19h00

Domingo, 16h00

90 min. + conversa com o público



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

